

Ricardo Reis, o aristocrata desterrado: alguns aspectos filosóficos

p. 36 - 44

Luiz Rogério Camargo¹
Maria Natália Gomes Thimóteo²

Resumo

Ricardo Reis é o heterônimo neoclássico de Fernando Pessoa que canta a brevidade de tudo, aliada à forte presença do *carpe diem* de Horácio, além do Estoicismo e do Epicurismo. Seus poemas estão repletos de ensinamentos sobre o melhor modo de viver a vida, mesmo sabendo de antemão que ela é frágil e passageira. É na filosofia herdada dos antigos que se constitui todo o cerne da poesia de Reis, e é através dela que ele concebe um mundo onde a calma, a moderação e a tranquilidade devem ser as grandes qualidades do homem. Esse seria, talvez, o único modo de suportar a existência em um mundo onde o poeta mais parece um desterrado em constante busca pelo seu verdadeiro lugar. É destas e outras questões, pois, que este artigo procura tratar.

Palavras-chave: Ricardo Reis; Epicurismo; Estoicismo; Carpe diem

Abstract

Ricardo Reis is the neoclassical heteronym of Fernando Pessoa, who sings the brevity of all things, linked to the strong presence of Horatio's *carpe diem*, and also to Stoicism and Epicureanism. In his poetry, there are lots of teachings about how to live better even though one knows a priori that life is fragile and transitory. At the core of Reis' poetry is the ancient philosophy, through which he conceives a world where calmness, moderation and tranquility must be the man's great qualities. This might be the only way to endure the existence in a world where the poet seems to be an outcast in search for his true place. These and other questions are the subject matter of this article.

Keys-words: Ricardo Reis; Epicurism; Stoicism; Carpe diem

Reis: “Flores que colho ou deixo, vosso destino é o mesmo”.

Ricardo Reis é o poeta do desencanto. Essa afirmação pode parecer um paradoxo a respeito de um poeta que, a princípio, canta em suas odes o vinho, as flores e as mulheres. Contudo, em uma leitura mais atenta de seus poemas é possível

perceber outra realidade: alguém que sofre a sua humana condição, diante da indiferença dos deuses e do peso do Fado, do qual, inclusive, nem os próprios deuses escapam. Mesmo ao sentar-se diante do rio com suas musas, o poeta não pode deixar de pensar que a vida passa, não importa o que seja feito, inevitavelmente, como aquele mesmo rio: “Quer gozemos, quer não gozemos,

1 Especialista em Letras pela Universidade Estadual do Centro Oeste. E-mail: lrcamargo.roger@hotmail.com

2 Pós-doutora em Letras pela Universidade dos Açores (Portugal). Professora associada da Universidade Estadual do Centro-Oeste. E-mail: nthimoteo@gmail.com

passamos como o rio.” (PESSOA, 1977, p. 256).

Ciente da inutilidade de qualquer gesto, posto que da vida nada fica, o único modo possível de existir, para esse heterônimo, é na busca da serenidade e da paz de espírito. Para tanto, ainda que à sua própria maneira, apóia-se nos ideais estoicos e epicuristas, perpassados pelo *Carpe diem* de Horácio, segundo o qual é preciso aproveitar o momento enquanto momento e ser feliz.

Essa volta ao passado já foi indicada por Jacinto do Prado Coelho como a busca pelo melhor modo de enfrentar a inevitabilidade do Fado, que a tudo consome:

Assim, angustiado perante um Destino mudo que o arrasta na voragem, Reis procura na sabedoria dos antigos um remédio para os seus males. Também os Gregos sofreram agudamente a dor da caducidade e o peso da *Moirá* cruel. Simplesmente, optaram por aceitar com altivez o destino que lhes era imposto. (COELHO, 1998, p.36).

Mas, mesmo essa aceitação vinda dos antigos, em Reis, não pode ser levada muito a sério. É preciso lembrar que quando se trata de Fernando Pessoa o fingimento nunca deve ser deixado de lado nem sequer por um instante, afinal, “o poeta é um fingidor” (PESSOA, 1977, p.143). Desse mesmo modo, com Reis não poderia ser diferente. Diante do desprezo dos deuses por nós e da onipotência do Fado a única saída possível é fingir “Porque só na ilusão da liberdade/ A liberdade existe” (PESSOA, 1977, p. 262).

Este artigo pretende tratar de alguns preceitos filosóficos presentes na obra de Ricardo Reis, e de como eles se configuram, tais como o epicurismo e o estoicismo, além do *Carpe diem* de Horácio.

Do estoicismo: “Abdica e sê rei de ti próprio.”

Ricardo Reis é um jogador no tabuleiro da vida. Contudo, à diferença dos apostadores

habituais, que põem expectativas e esperanças no jogo, o poeta já sabe, previamente, o resultado da partida: é impossível ganhar. Então, em tal caso, para ele, a única saída seria saber perder, ou seja, renunciar à vitória por vontade própria, submeter-se sem protestos. Segundo sua visão: “Só esta liberdade nos concedem/ Os deuses: submetermo-nos / Ao seu domínio por vontade nossa. (...)” (PESSOA, 1977, p. 262).

Para os estoicos, o único bem do homem, o fim para o qual caminha não é a felicidade nem o prazer, mas a virtude. Essa virtude, no entanto, não é nem mesmo uma condição para ser feliz e sim ela própria um bem imediato:

Com o desenvolvimento do estoicismo, todavia, a virtude acaba por se tornar meio para a felicidade da tranqüilidade, da serenidade, que nasce da virtude negativa da apatia, da indiferença universal. A felicidade do homem virtuoso é a libertação de toda a perturbação, a tranqüilidade da alma, a independência interior, a autarquia. (PADOVANI & CASTAGNOLA, 1978, p.148).

Se a virtude é o bem absoluto, o mal é o vício absoluto e, portanto, deve ser evitado. Mas não por conta do que pode vir a ocasionar, e sim porque ele, o mal, pode vir a afetar a serenidade e o total domínio de si a que o sábio estoico deve aspirar. Desse modo, para Reis, a glória, a riqueza e até mesmo o amor devem ser evitados, visto que são coisas passageiras: “(...) Pouco me importa/ Amor ou glória,/ A riqueza é um metal, a glória um eco/ E o amor uma sombra” (PESSOA, 1977, p.266).

Se tudo um dia se perde, o ideal é nada ter a fim de nada perder. Diante do terror e da inevitabilidade da morte, que assombra o poeta também na figura do barqueiro a reclamar o óbolo da travessia, o mais sensato a se fazer é abdicar e, desta única forma, tornar-se senhor de si próprio: “(...) Senta-te ao sol. Abdica/ E sê rei de ti próprio” (PESSOA, 1977, p. 258-59).

Todo o tipo de paixão, dentro da filosofia

estóica, é essencialmente má, uma vez que se trata de uma mera irracionalidade, movida pelos instintos. Desse modo, só resta ao estóico livrar-se dela por meio do total aniquilamento. Note-se não se trata de reprimir as paixões e sim destruí-las completamente:

O ideal ético estóico não é o domínio racional da paixão, mas sua destruição total, para dar lugar unicamente à razão: maravilhoso ideal do homem sem paixão, que anda como um deus entre os homens. Daí a guerra justificada do estoicismo contra o sentimento, a emoção, a paixão, donde derivam o desejo, o vício, a dor, que devem ser aniquilados. (PADOVANI & CASTAGNOLA, 1978, p.148).

É por esse motivo que Reis nega o enlaçar de mãos a Lídia, à beira do rio: “Desenlacemos as mãos porque não vale a pena cansarmo-nos.” (PESSOA, 1977, p. 256). O poeta está consciente de que poderia ter a musa em seus braços, mas não o faz porque sabe que cedo ou tarde terminaria por sofrer com a ausência da amada. Ao invés disso, apenas opta por renunciar silenciosamente e assim não sofrer nem causar sofrimento:

(...) Ao menos, se for sombra antes, lembrar-te-ás de mim depois/ Sem que a minha lembrança te arda ou te fira ou te mova, / Porque nunca enlaçamos as mãos, nem nos beijamos/ Nem fomos mais do que crianças./ E se antes do que eu levasse o óbolo ao barqueiro sombrio,/ Eu nada terei que sofrer ao lembrar-me de ti./Ser-me-ás suave à memória lembrando-te assim — à beira-rio,/ Pagã triste e com flores no regaço. (PESSOA, 1977, p. 256).

A Clóe, o poeta dá semelhante desculpa ao rejeitar o amor. Não pode aceitá-lo porque o amar, em si, constitui ato de esforço, pois ao receber amor precisa também dar amor: “Não quero, Clóe, teu amor, que oprime/ Porque me exige amor. Quero ser livre (...)” (PESSOA, 1977, p. 285).

Para os estóicos, o prazer é considerado como “insana vaidade da alma” (PADOVANI & CASTAGNOLA, 1978, p.148). Amar, para o poeta, é motivo de inquietação, posto que restará

sempre alguma lembrança a perturbar o espírito. Igualmente, o amor é também uma teia onde o poeta estaria preso e tudo o que oprime não vale a pena ser cultivado.

De acordo com Michele Federico Sciacca, o fundamento da moral estóica está na conformidade e no respeito pela ordem divina para poder ser livre. “A liberdade (*elythería*) consiste precisamente no conformar a própria vontade à divina Necessidade, no assentir à ordem universal, e não numa inútil rebelião contra ela.” (SCIACCA, 1999, p.123). Ricardo Reis, por seu lado, é partidário dessa aceitação ao Fado e aos desígnios dos deuses. No entanto, não sem nenhuma mágoa, uma vez que inveja neles a tão sonhada serenidade, além da sua plena eternidade: “(...) Os deuses são os mesmos,/ Sempre claros e calmos, / Cheios de eternidade/ E desprezo por nós,/ (...)” (PESSOA, 1977, p.255).

O verdadeiro estóico é um indiferente e na sua indiferença é que reside a sabedoria que lhe é própria. Se pratica a renúncia é para não ter que sofrer com nenhuma eventual carência daquilo que deseja, sejam bens terrenos ou sentimentais e, conseqüentemente a perda do sossego e da paz. A manutenção da tranqüilidade que seria o bem supremo deve ser feita a qualquer custo. No entanto, essa conquista não é feita sem esforços, ao contrário, às custas de muita disciplina e persistência.

Nada deve perturbar a sua sabedoria, nem turbulências sociais nem cataclismos terrestres. O sábio sabe que tudo o que acontece deve acontecer e é um bem que aconteça, confiante na bondade da Providência divina. Ele quer o que acontece e não que aconteça o que ele quer. (SCIACCA, 1999, p.123).

Exemplo desse estoicismo a qualquer custo encontra-se em uma de suas mais famosas odes, a dos jogadores de xadrez que, diante do horror e da ignomínia da invasão de sua cidade, permanecem impassíveis em seu jogo, como se nada estivesse

acontecendo ao seu redor:

(...) Ardiam casas, saqueadas eram/ As arcas e as paredes,/ Violadas, as mulheres eram postas/ Contra os muros caídos,/ Traspassadas de lanças, as crianças/ Eram sangue nas ruas.../ Mas onde estavam perto da cidade, / E longe do seu ruído,/ Os jogadores de xadrez jogavam/ O jogo do xadrez./ Inda que nas margens do ermo vento/ Lhes viessem os gritos,/ E, ao refletir, soubessem desde a alma/ Que por certo as mulheres e as tenras filhas violadas eram/ Nessa distância próxima,/ Inda que, no momento que o pensavam,/ Uma sombra ligeira/ Lhes passasse na frente alheada e vaga,/ Breve seus olhos calmos/ Volviam sua atenta confiança ao tabuleiro velho. (...) (PESSOA, 1977, p.267).

Indiferentemente ao que esteja acontecendo em torno de si, o sábio estóico mantém o seu foco. Ainda que “uma sombra ligeira”, passe pela frente dos jogadores, sinal de que estão cientes dos acontecimentos, denunciando um leve tremor na alma, permanecem impassíveis. Para António Pina Coelho, “A atitude dos jogadores de xadrez que, indiferentes à guerra que se trava à sua volta, continuam o seu jogo calmo, mesmo perante a invasão do seu recanto pelos assaltantes, é uma concretização desse estoicismo radical” (COELHO, 1968, p.80)

A atitude dos jogadores apenas serve para demonstrar o desespero com que se o poeta das odes aspira pela paz de espírito. Reis em seu íntimo é um profundo ressentido, tomado pelo desencanto em relação a tudo o que o cerca. Ao olhar ao redor, sente-se, pois, um estrangeiro de si mesmo, um desterrado. É essa aguda consciência que o oprime e incomoda, e, contudo, é impossível se ver livre dela, pois prefere a dor de saber-se nada do que a ignorância de ser “nada dentro de nada”: “Melhor destino que o de conhecer-se/ Não frui quem mente frui. Antes, sabendo,/ Ser nada, que ignorando:/ Nada dentro de nada (...)” (PESSOA, 1977, p. 276).

A essa filosofia de negação e indiferença Reis vai unir outros ideais, como o Epicurismo e suas implicações. Nem tudo, afinal, é pleno

afastamento. Há o momento certo para beber vinho, ainda que tenha um gosto amargo; colher flores, mesmo que nelas não haja perfume, e beijos, sejam eles frios e breves. Dentro desta perspectiva é que o poeta vai construindo seus versos, sempre subjogados pela “disciplina” que é dominante em toda a sua arte poética, tal qual o asceta que se esforça para manter a serenidade mesmo diante do absurdo e do caos:

À moral estóica e à filosofia de Epicuro, vai Reis buscar os *leitmotives* que atravessam, de uma ponta a outra, a sua poesia, e que se traduzem antes de mais nada, numa sabedoria da inanição e da aceitação de tudo, através de uma indiferença, matizada de um discreto hedonismo, perante um mundo decadente e hostil. (SEABRA, 1982, p.111).

Do epicurismo: “Sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo.”

Ao mesmo tempo em que busca a serenidade por meio do distanciamento, o poeta procura contrabalançar essa atitude negativa em relação à vida, somando a seu modo de ver as coisas o ideal de aproveitamento dos epicuristas. É a busca pela real harmonização que ele intui como sendo o remédio para a sua grande angústia interior. Desse modo, a filosofia da obra de Ricardo Reis pode ser resumida em um “epicurismo triste” (PESSOA, 1990, p. 140) como afirma seu “irmão” heterônimo, Frederico Reis. Sabedor da impossibilidade de ser livre em um mundo sob os desígnios do Fado, resta ao poeta apenas buscar a ilusão da liberdade em um “esforço lúcido e disciplinado para obter uma calma qualquer.” (PESSOA, 1990, p. 140).

Se a moral estóica reside na conformidade, a epicurista, por sua vez, é uma moral hedonista, para a qual o único fim é o prazer sensível e o único critério de moralidade, o sentimento:

O único bem é o prazer, como o único mal é a dor; nenhum prazer deve ser recusado, a

não ser por causa de conseqüências dolorosas, e nenhum sofrimento deve ser aceito, a não ser em vista de um prazer, ou de um sentimento menor. No epicurismo não se trata, portanto, do prazer imediato, como é desejado pelo homem vulgar; trata-se do prazer mediato, refletido, avaliado pela razão, escolhido prudentemente, sabiamente, filosoficamente. (PADOVANI & CASTAGNOLA, 1978, p.151).

É preciso, pois, saber colher as flores, molhar as mãos e aprender. Desse modo, sabiamente, é possível passar com tranqüilidade, sem resistências e remorsos: “Colhamos flores./ Molhemos leves/ As nossas mãos/ Nos rios calmos,/ Para aprendermos/ Calma também./ Girassóis sempre/ Fitando o sol,/ Da vida iremos/ Tranqüilos, tendo/ Nem o remorso/ De ter vivido” (PESSOA, 1977, p. 254).

A moderação é fonte da qual o sábio deve beber. O ideal é saber aproveitar o instante e não ter a violenta necessidade de aproveitamento. O verdadeiro prazer, para Epicuro, consiste na satisfação e na ausência de sofrimento. Porque se há sofrimento ele só pode advir das reais necessidades não satisfeitas. Não são as riquezas nem glórias ou poder que trazem a felicidade e sim a ausência de dores. Assim fala o próprio Epicuro:

Quando dizemos, então, que o prazer é o fim, não queremos referir-nos aos prazeres dos intemperantes ou aos produzidos pela sensualidade, como crêem certos ignorantes, que se encontram em desacordo conosco ou não nos compreendem, mas no prazer de nos acharmos livres de sofrimentos do corpo e de perturbações da alma. (EPICURO, 1980, p. 17).

Note-se que em Reis, mesmo o molhar as mãos deve ser feito de forma leve e calma, ou seja, moderadamente. Desse modo, o homem acabará por tornar-se, também ele, um calmo e, assim, passar pela vida sossegadamente.

Por meio deste estado de alma, sempre à procura de equilíbrio na escolha dos prazeres é que o poeta procura atingir o supremo ideal de felicidade: a imperturbabilidade. Preferindo rosas

à pátria, almejando antes ser coroado de flores que de glórias seria possível chegar ao estado em que nada importa, nem vitória ou derrota. Qual a razão de sentir-se incomodado se, a seu tempo, virá a primavera e em acabando o tempo da estação das flores logo virá o outono, independentemente da nossa vontade? Ao indiferente não há perda posto que não há expectativa. Não há decepção porque nenhuma esperança se alimentou a respeito de nada:

Prefiro rosas, meu amor, à pátria,/ E antes magnólias amo/ Que a glória e a virtude./ Logo que a vida não me canse, deixo/ Que a vida por mim passe/ Logo que eu fique o mesmo./ Que importa àquele a quem nada importa/ Que um perca e outro vença,/ Se a aurora raia sempre,/ Se cada no com a primavera/ As folhas aparecem/ E como o outono cessam?/ E o resto, as outras coisas que os humanos/ Acrescentaram à vida,/ Que me aumentam na alma?/ Nada, salvo o desejo de indiferença/ E a confiança mole/ Na hora fugitiva. (PESSOA, 1977, p. 269).

Em um de seus mais famosos versos “Sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo” (PESSOA, 1977, p. 259), Reis manifesta outro ensinamento de Epicuro. Para o filósofo, o mundo é mesmo um espetáculo onde melhor é ser espectador do que ator, melhor é o conhecimento do que a ação (PADOVANI & CASTAGNOLA, 1978).

A verdadeira serenidade do sábio não se abala nem mesmo pelo medo da morte. Uma vez que tudo o que é bom ou ruim se encontram na sensação, e sendo a morte a ausência de sensação para os epicuristas, logo, não há sensibilidade nem sofrimento. “Nunca nos encontraremos com a morte, porque quando nós somos, ela não é, quando ela é nós não somos mais” (PADOVANI & CASTAGNOLA, 1978, p. 153).

Ricardo Reis não se cansa de advertir em seus poemas que nada vale de nada uma vez que no fim tudo acaba. Igualmente diz que é preciso estar sereno quando enfim a morte chegar. À musa Neera diz: “(...) Hoje, Neera, não

nos escondamos,/ Nada nos falta, porque nada somos./ Não esperamos nada/ E temos frio ao sol./ Mas tal como é, gozemos o momento,/ Solenes na alegria levemente,/ E aguardando a morte/ Como quem a conhece.” (PESSOA, 1977, p.257).

Aguardar pela morte como quem a conhece é não se surpreender com a sua chegada, tampouco lamentar-se. E se o sábio não a teme é porque está ciente dela e, portanto, não há com o que se surpreender. À primeira vista, é possível perceber o quanto Reis está preocupado com a fragilidade da condição humana. Como afirma Jacinto do Prado Coelho, “Reis parece existir apenas em função de um problema, o problema crucial de remediar o sentimento da fraqueza humana e da inutilidade de agir por meio de uma arte de viver que permita chegar à morte de mãos vazias e com um mínimo de sofrimento” (COELHO, 1998, p.40). Todavia é preciso estar atento, pois como bem observa Maria da Glória Padrão também

Um dos processos de aniquilamento de Reis é esta certeza da morte lenta e contínua. O outro é o de nada inquirir à vida: anula a simples suposição de qualquer possível penetração de pensamento no mistério do ser. Considera um plano transcendental que se situa numa esfera separada dos homens cuja única atitude certa será, além da abdicação do saber, curvar-se como ele quando o vento cessa. (PADRÃO, 1973, p.176).

De fato, Reis está profundamente mergulhado na problemática de chegar à morte de modo a não sofrer. Mas no fundo o heterônimo a teme e deseja que ela nunca chegue: (...)E ele espera, contente quase e bebedor tranqüilo,/ E apenas desejando/ Num desejo mal tido Que a abominável onda/ O não molhe tão cedo. (PESSOA, 1977, p.259).”

Ainda das idéias epicuristas, na poesia de Ricardo Reis, pode-se inquirir a relação do homem com os deuses. Nas odes é possível perceber a mágoa do poeta por conta do desprezo deles por

nós. No entanto, se ainda assim ele os canta, por qual motivo o faz? A resposta está justamente na própria divindade que é intrínseca aos deuses e que falta a nós, simples mortais. “Então, se os deuses não proporcionam ao homem nenhuma vantagem prática, proporcionam-lhe, contudo, o bem da elevação, que importa na contemplação do ideal” (PADOVANI & CASTAGNOLA, 1978, p. 153).

Ao imitarmos os deuses, não temos somente a ilusão da liberdade, mas também a calma e clareza que eles possuem: “(...) Nós, imitando os deuses,/ Tão pouco livres como eles no Olimpo, / Como quem pela areia/ Ergue castelos para encher os olhos,/ Ergamos nossa vida/ E os deuses saberão agradecer-nos/ O sermos tão como eles.” (PESSOA, 1977, p. 262).

De Horácio: “Coroi-me de rosas e de folhas breves. E basta.”

Pode-se dizer, sem exageros, que Horácio é o poeta da festa. Para ele é no festejar que se encontra o máximo ideal de felicidade que o homem pode alcançar. É na confraternização entre amigos em dias de festa, sempre regadas a muito e bom vinho que o homem pode se dizer feliz. “O festim é a essência da festa e a essência da festa é o vinho. Por isso, Horácio se apresenta a si mesmo como poeta da festa, do festim e do vinho: nos conviva cantamus.” (TRINGALI, 1995, p. 23).

Horácio é também o poeta das odes, cujo exemplo formal Ricardo Reis imita. A ode horaciana representa um rígido esforço intelectual para se chegar à perfeição expressiva. O poeta não se deve deixar levar apenas pela inspiração, é preciso ter muita disciplina em toda composição poética. Essa disciplina mental de construção poética que Pessoa põe em seu heterônimo neoclássico, sendo inclusive este rigor formal

criticado por Álvaro de Campos, nas célebres polêmicas entre os heterônimos: “Que ele ponha na mente ativa o esforço só da ‘altura’ (seja isso o que for), concedo, se bem que me pareça estreita uma poesia limitada ao pouco espaço que é própria dos píncaros.” (PESSOA, 1990, p. 141.). Contudo, o mesmo Campos não deixa de reconhecer a grandeza da poesia de Reis: “Não censuro o Reis mais que a outro qualquer poeta. Aprecio-o realmente, e para falar a verdade, acima de muitos, de muitíssimos” (PESSOA, 1990, p. 141.).

Dos muitos aspectos presentes na obra de Horácio, que são possíveis de serem percebidos nas odes de Reis cabe, aqui, ressaltar que o *carpe diem* é uma das mais perceptíveis. Dante Tringali traça o perfil desse aspecto horaciano nos seguintes termos:

Na brevidade da vida humana, há alguns dias fugazes em que a felicidade fulgura. É preciso colher esses dias, que se escoam, usufruí-los, como se fossem frutos da árvore da felicidade, antes que chegue a velhice e a morte. Essa é a célebre teoria do *carpe diem*, que vai fundamentar o processo da festa. Ela manda que se colha o dia, que se goze o dia que passa (1,11) especialmente o dia da festa. (TRINGALI, 1995, p. 19).

A consciência de que tudo passa é insistentemente cantada por Reis. Ao homem cabe apenas aceitar, uma vez que nada pode. Mas se a morte é inevitável é possível, no entanto, aguardar pela sua chegada aproveitando o que de bom é passível de ser aproveitado, como o vinho e as flores: “Tão cedo passa tudo quanto passa!/ Morre tão jovem ante os deuses quanto/ Morre! Tudo é tão pouco!/ Nada se sabe, tudo se imagina./ Circunda-te de rosas, ama, bebe/ E cala. O mais é nada.” (PESSOA, 1977, p. 277).

Se na vida tudo é tão pouco como o poeta afirma, resta apenas aproveitar o pouco que se tem. Em determinados momentos, Ricardo Reis parece assumir a postura Horaciana no que diz respeito a aproveitar o dia, condenando quem

procura enxergar para além do momento ou para trás dele: “Por que tão longe ir pôr o que está perto –/ A segurança nossa? Este é o dia,/ Esta é a hora, este é o momento, isto/ É quem somos, e é tudo.” (PESSOA, 1977, p. 290).

Contudo, seu desalento diante da perspectiva da morte e da passagem inevitável do tempo e da vida o coloca diretamente oposto ao postulado por Horácio. Para Reis, no fundo, não importa o que se faça, passaremos. E assim ele o diz, ao conversar com Lídia à beira do rio: “(...) Quer gozemos, quer não gozemos, passamos como o rio./ Mais vale saber passar silenciosamente/ E sem desassossegos grandes.” (PESSOA, 1977, p. 256).

À diferença de Horácio, Reis, mesmo no instante em que aproveita o momento com tudo de bom que ele tem a oferecer, em seu íntimo, não pode se ver livre da opressão que a idéia de morrer lhe causa. Se apregoa aos quatro ventos que é preciso usufruir é mais para tentar convencer a si mesmo do que a outrem. Essa subversão já é apontada por Dante Tringali ao traçar o código do vinho em Horácio e no heterônimo pessoano: “Ricardo Reis subverte o conceito chave da filosofia de Horácio, a saber, o *carpe diem*, segundo o qual se deve gozar, na medida do possível, o dia de hoje. Não vincula a necessidade de gozar o dia que passa com a iminência inevitável da morte.” (TRINGALI, 1995, p. 149).

A maldição de Reis é não poder se livrar do peso que o esmaga impiedosamente, o peso do existir humano em um mundo onde os deuses não se importam, onde as crianças são as mestras, mas que o poeta, por adulto, não pode mais seguir-lhas. Enfim, onde um poeta se consome, lentamente, muito antes do seu fim.

Mais algumas considerações: “Colhamos flores, molhemos levesas nossas mãos.”

Ricardo Reis sente-se um estrangeiro em um mundo que não é o seu. Essa atroz realidade que o consome pode ser percebida em toda a sua obra. Em certos momentos até mesmo a insistente busca pela paz e serenidade acaba se tornado um martírio. Ora afirma ser preciso beber e aproveitar, mas em seguida, como se tocado pela dura consciência de sua frágil existência, percebe que nada vale a pena e o que resta é aceitar.

Dentro deste turbilhão, no entanto, saltam aos olhos alguns aspectos das doutrinas estóica, epicurista e horaciana, nas quais o poeta procura certo consolo. Dos estóicos, Reis vai buscar a disciplina, contenção e obediência necessária para suportar a própria existência. Dos epicuristas a tranqüilidade, aceitação, além da pura contemplação do “espetáculo do mundo”. Já de Horácio que é possível aproveitar, ainda que por mínimo que seja, o que de bom a vida tem a oferecer, como as flores, o vinho e a companhia das musas.

Aceitação, negação, conformidade, recusa, festa, recolhimento. Ora uma coisa, ora outra. Ideais que se contrapõem, se enlaçam, e a seu modo se completam. Quando se trata de Fernando Pessoa é difícil chegar a uma afirmação concreta. Também não é preciso e nem o próprio Pessoa o quis, ele o “indisciplinador de almas”, em cuja obra a diversidade e a unidade caminham juntas, e permanecem, sempre apontando para novos e infinitos caminhos.

Referências

COELHO, António Pina. **Os Fundamentos Filosóficos da Obra de Fernando Pessoa, II volume**. Lisboa: Editorial Verbo, 1971.

COELHO, Jacinto do Prado. **Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa**. São Paulo: Editorial Verbo, 1998.

EPICURO, 342 ou 1-271 ou 70 A.C. **Antologia de textos / Epicuro. Da natureza / Tito Lucrécio Caro. Da república / marco Túlio Cícero. Consolação a minha mãe Hélvia; Da Traqüilidade da alma; Medéia; Apocoloquintose do divino Cláudio / Lúcio Aneu Sêneca. Meditações / Marco Aurélio**; traduções e notas de Agostinho da Silva ... [et al]; estudos introdutórios de E. joyan e G. Ribbeck - 2. ed - São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os pensadores).

HORÁCIO. In: **A Poética Clássica / Aristóteles, Horácio, Longino**; introdução por Roberto de Oliveira Brandão; tradução direta do grego e do latim por Jaime Bruna. - São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1981.

PADOVANI, Humberto; CASTAGNOLA, Luis. **História da Filosofia**. Com estudo “O problema da História da Filosofia”, do prof. Artur Versini Velloso. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1978.

PADRÃO, Maria da Glória. **A Metáfora em Fernando Pessoa**. Porto: Editorial Inova, 1973.

PESSOA, Fernando. **Obras em Prosa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1990.

_____. **Obra Poética**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1977.

SCIACCA, Michele Federico. **História da Filosofia I. Antiguidade e Idade Média**. São Paulo; Mestre Jov, 1999.

SEABRA, José Augusto. **Fernando Pessoa ou o poetodrama**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

_____. **O Coração do Texto, Le Coeur du Texte: Novos Ensaios Pessoaanos**. Lisboa: Edições Cosmos, 1996.

TRINGALI, Dante. **Horácio Poeta da Festa: Navegar Não é Preciso; 28 Odes: Latim/**

Português. São Paulo: Musa, 1995.

Artigo enviado em: 30/07/2010

Aceite em: 20/08/2010